

Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos: *um percurso pela construção do álbum*

Susana Ventura*

Keywords

Fernando Pessoa, life and work, comic-book.

Abstract

A brief reflection on the creative process surrounding *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos* [I, *Fernando Pessoa: A Graphic Text*] (Susana Ventura e Eloar Guazzelli, São Paulo: Editora Peirópolis, 2013), that is accompanied by some unpublished pages eliminated from the final version.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, life and work, comic-book.

Resumo

Apresenta-se um percurso pelo processo de elaboração do álbum *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos* (Susana Ventura e Eloar Guazzelli, São Paulo: Editora Peirópolis, 2013) e publica-se um trecho inédito da obra, que foi eliminado logo no início do processo criativo.

* Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ.

O álbum *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos* chegou ao público em junho de 2013, com a intenção de encantar e sensibilizar jovens leitores para que, a partir dele, fossem instigados a conhecer melhor Fernando Pessoa. Envolvida na composição de um catálogo de Literatura Portuguesa para a Editora Peirópolis e interessada em realizar um álbum de HQ que tratasse da obra de Fernando Pessoa, busquei a parceria do quadrinista Eloar Guazzelli que, além de conhecido ilustrador, também trabalhava com cinema de animação. A escolha também se deu pela descoberta de que o artista era um leitor apaixonado de Fernando Pessoa e de Eça de Queirós, escritores de sua predileção. Meu trabalho começou pelo estudo de alguns álbuns elaborados pelo quadrinista, que trabalhara anteriormente com um conto fantástico de Aluísio Azevedo (“Demônios”), com resultados muito expressivos.

Comparo o trabalho de elaboração de roteiro de HQ com o de uma construção de base: a pessoa que roteiriza deve realizar algo que funcione como plataforma para que o quadrinista possa criar, mas garantindo também que ele tenha andaimes e redes de proteção para apoio ao seu trabalho. Trabalhar com Fernando Pessoa, um autor muito amado pelo leitor brasileiro, foi um desafio. Em primeiro lugar pelo fato de que tratar este específico autor era tratar de uma coletividade de autores e, portanto, a questão da identidade estava bastante presente; em segundo lugar porque essa fragmentação do autor se reflete normalmente na recepção da obra por seus leitores juvenis, que frequentam do 10º. ao 12º. ano de ensino, e que conhecem a obra de maneira muito fragmentada.

A elaboração do primeiro roteiro levou cerca de quatro meses e descartei o resultado na sua integralidade: cinematográfico demais, o trabalho não ajudaria o jovem leitor a elaborar um possível Pessoa para, a partir dali, dedicar-se a pesquisa própria. Nova tentativa, a segunda versão de roteiro – que se revelaria a definitiva, com algumas modificações – partiu da carta escrita por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro em janeiro de 1935, conhecida como “Carta da gênese dos heterônimos”. A invenção de si mesmo que Pessoa opera na carta seria sinalizada aos leitores em paratextos, para que ficasse claro que se estava diante de uma obra de ficção e não de uma “verdade absoluta”. A carta é o cerne do roteiro, e escolhi que fosse emoldurada por circunstâncias da vida do poeta que a escrevera ao amigo em janeiro de 1935 e que em dezembro se internaria no Hospital São Luís dos Franceses, para morrer logo a seguir. Optei por começar a narrativa *in media res*, recurso tão comum no cinema e com toda a certeza bem conhecido dos futuros leitores do álbum. Na cena inicial, estamos em dezembro de 1935, Pessoa está em seu quarto e arruma uma pequena mala com a qual vai para o Hospital de São Luís dos Franceses. Orientei Guazzelli quanto aos elementos que deveriam estar presentes nas cenas iniciais: o exemplar de *Sonetos* de Bocage, levado por Pessoa para o hospital, detalhes das roupas habitualmente usadas pelo poeta no inverno, a descrição do clima lisboeta nessa época do ano, a presença do bonde que passa pelo

bairro onde o poeta vive – Campo de Ourique – e que tem seu ponto final no Cemitério dos Prazeres. O caminhar de Pessoa para o hospital, sob a chuva que imaginei para aquele dia seria pontuada pelos versos iniciais de “Chuva oblíqua”. A seguir, no roteiro, uma analepse nos leva de volta a janeiro do mesmo ano, momento em que Pessoa escreve ao amigo Adolfo Casais Monteiro. Trabalhei na carta recortando os trechos e os bricolando numa ordem que permite ao leitor a construção de algum conhecimento sobre Pessoa. Trabalhei também a partir de alguns poemas, que escolhi junto com Guazzelli a partir de uma seleção prévia que eu fizera. O poder de escolha dele quanto aos poemas que desejava ilustrar era total: caso não se agradasse de nenhum dos poemas escolhidos por mim, eu escolheria outros.

Desta maneira, no roteiro, a carta é interrompida para a apresentação de poemas de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e de um trecho da prosa de Bernardo Soares. No que diz respeito à carta, acrescentei apenas cinco palavras minhas, para conferir coesão ao quebra-cabeças e coloquei pouquíssimas notas em palavras complicadas para o jovem leitor.

Quando a carta termina, ocorre a volta à situação inicial. O leitor se vê diante de uma página que representa graficamente o poeta escrevendo e, na sequência, se apresenta o “tempo presente” do início da narrativa, encerra-se a analepse. O leitor, então, depara-se com uma nova etapa do roteiro composta a partir do obituário de Fernando Pessoa realizado pelo poeta Luís de Montalvôr e publicada no *Diário de Notícias*. Esta solução resolvia uma questão de padronização da coleção a que pertencia o álbum – a “Clássicos em HQ” – que previa uma biografia do autor ao final de cada narrativa, bem como resolvia o final da analepse inicial com a continuação da efabulação: Pessoa morreria no hospital.

Estava assim concluído o roteiro final, aprovado pelo quadrinista e pela equipe de criação. Quatro meses depois da apresentação coletiva do roteiro, vimos os *roughs* elaborados por Guazzelli e realizamos uma leitura com a equipe da editora. Sugeri alguns ajustes, eliminei do roteiro as páginas que agora se publicam – o “Poema Pial” – que eu colocara no final da primeira sequência, exatamente quando Pessoa chega ao Hospital. Decidi que a quebra ali causada pela introdução do poema prejudicava o andamento de leitura do álbum, já pleno de referências aos principais heterônimos, que precisariam ser bem sinalizadas e resolvidas em relação ao conteúdo da carta, facilitando a leitura e emulando a experiência do cinema.

Os deslizamentos entre carta e poemas ficaram bem resolvidos após o trabalho realizado pelo especialista em quadrinhos Maurício Muniz, que nos ensinou a trabalhar melhor com recordatórios. Um último problema se apresentou, relativo ao “letramento”. Inicialmente o álbum era todo feito à mão, escrito com a caligrafia de Guazzelli. A natural irregularidade da letra de mão de Guazzelli terminava por provocar cansaço na leitura, o que foi detectado em testes de leitura

que fizemos a partir de uma prova impressa. Reunida, a equipe de criação decidiu resolver o problema pela contratação de Lilian Mitsunaga, especializada na área de letramento e que criou, a partir da letra de mão de Eloar Guazzelli, uma fonte para ser utilizada no álbum. Enfim, todas as imagens foram tratadas para se chegar à qualidade final que permitisse que a impressão deixasse ver as texturas dos originais do artista. O processo durou dois anos e meio, da apresentação e aprovação do roteiro até a chegada do álbum às livrarias. As imagens que seguem são o mencionado trecho eliminado, “Poema Pial”.









